

Mil Homeros e mais um: Borges e a literatura grega

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (UFMG)

Deve-se a uma conferência de Jorge Luis Borges, proferida entre 1967 e 1968, na Universidade de *Harvard* (EUA) e intitulada “A metáfora”¹ a formulação “Mil Homeros e mais um”. Na conferência, o poeta destaca, desde os gregos até os contemporâneos, metáforas diversas para a noite, o rio, a lua, o homem, a vida, a morte, entre outras, e comenta que, enquanto algumas apresentam apenas modificações sutis, outras registram surpreendentes ousadias. Ao fim e ao cabo, ele postula que metáforas são modelos, razão pela qual elas podem ser reduzidas a um número limitado e, embora haja uma grande variação, essencialmente, elas são quase sempre as mesmas (BORGES, 2000, p. 32). Borges afirma também que há nas metáforas uma precisão mágica que, partindo de um abstrato, acrescenta-lhe um concreto e entusiasma a imaginação. Em “A arte narrativa e a magia”, para explicar como Morris transforma as aventuras fabulosas de Jasão numa narrativa “com forte aparência de veracidade” capaz de suspender a dúvida (BORGES, 2008, p. 84-86), Borges comenta a expressão “orvalho de ouro” aplicada aos longos cabelos das sereias que descem por seus corpos brancos “ocultando alguma querida delícia”. O que temos de fascinante aqui senão uma precisão de cores conjugada com a imprecisão de “alguma querida delícia” oculta? Em outras palavras, o sentido comprova a cor e aceita com “fé poética” a sugestão esboçada.

No mesmo sentido, podemos afirmar que a precisão aliada à imprecisão garante a eficácia e a beleza da tradução equivocada do título da famosa obra *Mil e uma noites*. Segundo o poeta portenho, as mil noites significam, para a imaginação, uma quantidade de tal modo exagerada que a percebemos como de difícil assimilação

(BORGES, 2000, p. 45). Assim o número mil indica somente uma espécie de incontabilidade tal como a que aparece na forma de os chineses chamarem o mundo, a saber, “*as dez mil coisas* ou — e isso depende do gosto e da fantasia do tradutor — *os dez mil seres*” (BORGES, 2000, p. 30). Enfim, a expressão “mil noites” significa um tempo muito longo de manutenção de noites para evitar a morte de um narrador (também a Bíblia tem exemplos variados de números simbólicos a apontar para enormidades: tomemos o 40, presente nos 40 dias de tentação de Cristo no deserto). O acréscimo da exatidão do “um” aumenta ainda mais a imprecisão em algo como: incontáveis noites e mais uma.

Temos então a expressão “mil e mais um” como uma espécie de metáfora numérica que nos leva a um tempo autônomo, consecutivo e grandioso aumentado pelo tempo fragmentado do um em um presente constante. No caso de nosso título teríamos um tempo autônomo de Homero e ainda um outro fragmentado, ambos em presente constante na obra de Borges (sendo isso que pretendemos mostrar agora).

A permanência privilegiada do aedo grego (cuja existência como indivíduo até hoje é incerta) e dos poemas atribuídos a ele na obra de Borges é já bem reconhecida, pois aparece de forma esparsa amiúde — sem contar o celeberrimo *As versões homéricas*. Estes são os mil Homeros, assustadores para um só ensaio; abstratos demais, infinitos e transfinitos para motivar uma audição.

Há, entretanto, outro Homero oculto na delícia de uma descoberta e sobre o qual queremos nos deter. Assim, como na referência ao preclaro livro, acrescentamos o numeral “um” ao nosso título, que, como na fórmula, ganha um alongamento ainda maior, contudo, pela dimensionalidade exata do “um”, torna-se mais empolgante, porque prevê a falácia de um fim.

Tentamos imitar Borges e na certeza de que “qualquer coisa sugerida é bem mais eficaz do que qualquer coisa apregoada” (BORGES, 2000, p. 40), depois de estudar algumas passagens teórico-poéticas do escritor argentino, propomo-nos a

refletir e comentar, com base nas técnicas mais óbvias de sua escritura (a intertextualidade, a erudição, a ficção imiscuída na autenticidade, a valorização do leitor, a multiplicidade ontológica e espacial), a presença dos gregos representados por seus muitos Homeros, particularmente nas conferências mencionadas e no conto “*Tlōn, uqbar, orbius tertius*”.

Das conferências tomaremos todos os pontos sobre a discussão dos poemas, da existência ou não do poeta, de expressões de difícil entendimento, das metáforas etc. e, apoiados no conto, revelaremos nossas perplexidades com sugestões e intuições provocadas pelo poeta, as quais, ainda hoje, são questões árduas na pesquisa de filólogos e arqueólogos acerca das mais abundantes fontes da literatura ocidental: a *Ilíada* e a *Odisséia*. Esse manancial jorra incessantemente à medida que se afasta cronologicamente de nossa realidade, porque há casos em que o tempo, em lugar de degradar um poema, enriquece-o (BORGES, 2000, p. 26). Segundo tal hipótese, “Homero então seguiria vivendo, e mudaria à medida que as gerações dos homens mudassem [...]” (BORGES, 2000, p. 118) e já que “as palavras são símbolos para memórias partilhadas” (BORGES, 2000, p. 122), arriscamos uma interpretação do conto referido à luz das escavações de Schliemann no sítio arqueológico de *Hissarlik* (Anatólia) e à luz do profeta Baruc. Vejam que para nós existem associações óbvias: *Tlōn* com Tróia; *Uqbar* com Baruc e *Orbius Tertius* com Terceiro Mundo.

Minhas provas para essa interpretação são meras analogias. E, parodiando Umberto Eco (1989, p. 157) diremos que “ocorre-nos um jogo etimológico que nos foi oferecido, sem garantias [...]”. Tão logo os lemos, a palavra *Tlōn* e todo o resto foram, desde o princípio, assustadores. No entanto, no desenrolar do texto percebemos um mistério lúdico — nem tão misterioso que não possa ser decifrado, nem tão fácil que se possa ter certeza de seu resultado. Mas a partir de nossa fé poética e “da felicidade

de ir adivinhando” (MALLARMÉ *apud* BORGES, 2008, p. 88) podemos afirmar que *Tlön*, assim nomeada, “não deve causar espanto”.

Percorrendo o conto: recordamos-lhes a conjunção inicial de um espelho com uma enciclopédia — reimpressão literal e tardia de uma outra mais antiga; muda-se o assunto, passa-se para a hipótese de um romance em primeira pessoa “cujo narrador omitisse ou desfigurasse os fatos [...] incorrendo em diversas contradições” que dificultassem “adivinhar uma realidade atroz ou banal” (BORGES, 2007, p. 13). A narrativa segue afirmando que em *Uqbar*, a enciclopédia citada afirmava que alguém teria dito que “os espelhos e a cópula são abomináveis porque multiplicam o número dos homens”. Que fruto seria gerado da cópula (conjunção) de um espelho com uma enciclopédia de *Uqbar*? Ora, observem, há um espelhamento estranho entre *Uqbar* e Baruc. Em “Borges e eu”, o escritor afirma que Borges tem um perverso costume de falsear e magnificar. Admitindo que seja assim, talvez seja lícito afirmar que *Uqbar* seja uma inversão mágica do nome de um filósofo muito querido a Borges, Baruch de Spinoza, o qual teria afirmado, segundo o poeta, “que todas as coisas querem perseverar em seu ser” (BORGES, 2008, p. 54) até mesmo, acrescentamos, os lugares e seres imaginários criados pela poesia.

O narrador do conto, depois de sugerir a possibilidade de omissões e deformações, focaliza a enciclopédia e repete mais 2 vezes, em língua inglesa, trechos da afirmativa: cópula e espelhos são abomináveis porque reproduzem. Segue-se na narrativa a informação de que foi encontrado um exemplar do vol. XXVI da tal obra que continha páginas falsas com o artigo sobre *Uqbar* a qual destoava do tom verossímil das demais entradas por causa de uma “vagueza fundamental”, de nomes “interpolados no texto de modo ambíguo” além de invocações metafóricas e pontos de referência nebulosos (BORGES, 2007, p. 15).

Passadas as palavras enciclopédicas sobre *Uqbar*, o assunto muda; estamos diante da lembrança evanescente de um engenheiro que “em vida padeceu

de irrealidade”. A expressão que define o engenheiro faz uma primeira possível solda com *Uqbar*: ambos talvez padecessem de irrealidade. Ashe, o engenheiro, uma espécie de invenção circunstancial (BORGES, 2008, p. 6), recebeu do Brasil um livro, mas, antes mesmo de lê-lo, morreu da ruptura de um aneurisma. O pacote do correio, ainda fechado, com o livro dentro ficou num bar para que o narrador o encontrasse meses depois e nele estava — enfim a ligação definitiva — a história de *Tlön, Uqbar e Orbis Tertius* que, vulgarizado, poderia ser traduzido por 3^o mundo. O livro se chamava *Noite das noites* — título que, pela conferência de Borges intitulada “Música, palavra e tradução” (BORGES, 2000, p. 74), pode ser interpretado como “a mais sublime das noites” ou a “melhor das noites”. Era redigido em inglês e tinha mil e uma páginas, predicados que nos levam a pensar nas *Mil e uma noites* traduzido por Edward William Lane. O seu falso frontispício remetia para a 1^a Enciclopédia de *Tlön*.

Segundo Borges-narrador “um vasto fragmento metódico da história total de um planeta desconhecido, com suas arquiteturas e querelas [...]” (BORGES, 2007, p. 18). Em uma outra conferência — “O narrar de uma história” — Borges dirá que as *Mil e uma noites* é a versão árabe da *Odisséia* (BORGES, 2000, p. 53) e aqui começamos a amarrar idéias.

Define-se *Tlön* aos poucos como um “mero caos”; “irresponsável licença da imaginação”. Lugar de “torres de sangue” lugar onde habitam “tigres transparentes”. Sua linguagem manifesta um mundo em que não há “um concurso de objetos no espaço” e sim “uma série heterogênea de atos independentes”, sucessivos, temporais e não espaciais (BORGES, 2007, p. 20). A sua filosofia é “a filosofia do como se”; do “assombro”.

Enquanto pontua tais coisas, o narrador constrói um assombro maior do que a própria *Tlön*, a saber, o espanto de poder ligá-la a algo mais ou menos real: a forma *Tlön*, no texto, é matéria lúdica que varia em *hrönir*, e *hrön*; essas variantes se aproximam muito da palavra Tróia proferida em alemão. Jogo etimológico ou literário?

Mas de que vale associar Tróia à pronúncia alemã da palavra? Enigma borgeano. Contudo, nesse mistério que anela o desvelamento são-nos dadas pistas assaz benevolentes: a busca de *Tlön* por Borges e Bioy se assemelha à descoberta de Tróia por Schliemann. Ambas se fazem não a partir da “verdade dos fatos, mas da verdade dos sonhos” (BORGES, 2000, p. 57).

Certamente todos os hispanistas conhecem bem Borges e Bioy. Apresentamos-lhes, portanto, somente o comerciante e arqueólogo alemão, um homem que desenvolveu um método próprio de aprendizagem de línguas — pela memorização de textos que ele mesmo escrevia que eram corrigidos por um falante da língua em questão — e que por essa ferramenta, a memória, tornou-se fluente em 18 idiomas. Heinrich Schliemann² (MECKLENBURG, 1822) foi o renomado escavador de Tirinto e de Tróia. Ganhou do pai, quando criança, um exemplar traduzido para o alemão da *Iliada* de Homero e desde então ficou obcecado para descobrir o local da cidadela que motivou a guerra, onde corriam uma nascente de água fria e outra de água quente. Recordemos nesse ponto parte da narrativa de Borges:

Não é incomum, nas regiões mais antigas de Tlön, a duplicação de objetos perdidos. [...] As primeiras tentativas foram estéreis. O *modus operandi*, entretanto, é digno de memória. O diretor de um dos presídios do Estado comunicou aos presos que no antigo leito de um rio havia certos sepulcros e prometeu liberdade a quem trouxesse um achado importante (BORGES, 2007, p. 27).

Schliemann, com sua fé na poesia de Homero, foi criticado em sua época, afinal, segundo a academia, ele misturava ciência e mito. O fato é que de 1870 a 1882 o arqueólogo alemão escavou a colina de *Hissarlik* e lá encontrou vestígios de uma cidade destruída pelo fogo — assim pereceu Tróia — e anunciou a mais importante descoberta arqueológica dos últimos tempos, a partir da história de um poeta que sequer sabemos ter existido. Dizem as más línguas que, durante as escavações, em um telegrama Schliemann teria dito: “Encontrei-me com Agamêmnon face a face”. A

frase foi fatídica para sua reputação acadêmica, já que hoje foi comprovada a existência, no mesmo local, de 9 cidades perdidas, uma construída sobre a outra.

Nada de absurdo há nisso, pois “[...] o tempo enriquece em vez de degradar um poema” (BORGES, 2000, p. 26). As 9 Tróias guardam indícios arqueológicos de guerras incoativas que surgem do nada. A guerra original nunca mais a poderemos tocar exceto pelas canções, poemas e mitos esvoaçantes que de lá viajaram para as bocas dos poetas mundo tempos afora. Sua permanência, cremos, é oriunda do fato de Homero estar “narrando algo bem mais sutil: a história de um homem, um herói, que ataca uma cidade sabendo que jamais irá conquistá-la” (BORGES, 2000, p. 52).

Mas voltemos a *Uqbar*. Ou seria Baruch de Spinoza ou quem sabe Baruc profeta? Estamos num labirinto. O que teria o profeta com nosso conto? As semelhanças avolumam-se. Baruc é um pseudônimo utilizado por um alguém desconhecido que teria sido “secretário” de Jeremias durante o exílio na Babilônia. Um Homero modificado? O livro escrito pelo tal Baruc, datado da 2^a metade do séc. II, bem posterior aos poemas homéricos, segue o modelo das “narrativas referentes à tomada de Jerusalém”³, quando os caldeus a tinham devastado pelo fogo (Br. 1. 2). Interessante: a Cidade Santa foi devastada pelo fogo tal como a cidadela de Príamo.

Todavia não devemos esquecer que o texto profético, dos versículos 15 ao 37 do capítulo 3, canta a sabedoria de Deus, o trecho é, na verdade, uma ode ao mistério insondável. Enredados, caímos num enorme abismo. Se Homero é todo e qualquer poeta e Tróia toda e qualquer cidade a ser conquistada, então só nos resta acreditar em Baruc com sua exortação: “Coragem meu povo tu és o memorial de Israel!” (Br. 4, 5). Mas se de fato estamos certos, “nunca chegaremos a perceber inteiramente”. *Tlön* — ou seria Jerusalém? — pode ser um labirinto, “mas é um labirinto urdido por homens, um labirinto destinado a ser decifrado pelos homens” (BORGES, 2007, p. 32).

Independentemente de como se analise e interprete os muitos resultados das sucessivas escavações de *Tlön*, temos a certeza de que o conto de Borges, ao indicar que o narrador retorna para a revisão da tradução de uma obra de Thomas Browne, especificamente o trecho que descreve cuidadosamente uma urna funerária de tempos remotos, termina como Homero encerra a *Ilíada*, com a descrição dos funerais de Pátroclo e a busca, através de rituais, de uma imortalidade sonhada.

Referências

BÍBLIA. Tradução ecumênica da edição francesa (Paris, 1988), sob a direção de Gabriel Galache. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Esse ofício do verso*. Tradução de José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *O fazedor*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Discussão*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CASASAYAS, Alberto Ribas. Formas alternativas del lenguaje y del pensamiento en *Tlön, uqbar, orbis tertius*, de Jorge Luis Borges. *Epos*, v. 14, p. 321-337, 1998.

DICKINSON, Oliver. The face of Agamemnon. *Hesperia*, v. 74, p. 299-306, 2005.

ECO, Umberto. *A abdução em Uqbar. Sobre os espelhos e outros ensaios*. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 155-165.

JAHN, Jurgen. A self-motivated and self-directed second language learner: Heinrich Schliemann. *The Modern Language Journal*, v. 63, n. 5-6, p. 273-276.

MACIEL, Maria Esther; MARQUES, Reinaldo. *Borges em dez textos*. Belo Horizonte: Curso de Pós Graduação em Estudos Literários — Fale/ UFMG, 1997.

RAMOS, Arturo Garcia. Jorge Luis Borges: la mimesis de la nada. *Anales de Literatura Hispanoamericana*, n. 28, p. 659-680, 1999.

THOMAS, C. G. (Review) Myth, scandal, and history: the Heinrich Schliemann controversy and a first edition of the *Mycenaean diary* by William M. Calder III and David A. Traill. *The American Historical Review*, v. 92, n. 4, p. 946-946, 1987.

TURNER, Frank M. Finding the walls of Troy: Frank Calvert and Heinrich Schliemann at Hisarlik by Susan Heuck Allen. *The Journal of Modern History*, v. 72, n. 3, p. 771-773, 2000.

Notas

¹ Incluída na obra póstuma intitulada *Esse ofício do verso*.

² Pronúncia francesa, que nos dá *hache*, a letra H, e na inglesa, na qual a palavra corresponde a cinza (*ash*).

³ Introdução ao livro de Baruc na Bíblia Ecumênica, p. 1815.